

AS EXTENSÕES DO OLHAR: a arte na formação de professores Ticuna

Jussara Gomes Gruber*

Este texto resultou de apontamentos feitos após as aulas de Arte que ministrei no último curso de capacitação de professores Ticuna¹, em fevereiro de 1994. O curso realizou-se na escola *Torü Nguépataiü*, em português "nossa casa de estudos", localizada na aldeia de Filadélfia, comunidade próxima à cidade de Benjamin Constant (AM).

Como introdução, vale salientar que há muitos anos venho estudando a cultura material dos índios Ticuna, seus objetos utilitários e rituais, sua pintura corporal, as matérias-primas, os processos tecnológicos, as expressões gráficas, incluindo aqui os desenhos feitos em papel por crianças, jovens e adultos de ambos os sexos. Esses estudos têm sido fundamentais à compreensão das relações dos Ticuna com a arte, e da arte com a educação escolar. Nos livros *Torü Duiü'ügü e Ngüã Tanaütkicünaagü*², o primeiro,

* Membro fundador do Magüta: Centro de Documentação e Pesquisa do Alto Solimões e assessora dos programas de educação e cultura desta entidade, instalada em Benjamin Constant (AM); membro do Comitê de Educação Escolar Indígena do MEC.

¹ Este curso faz parte do programa de educação Ticuna, desenvolvido pelo Centro Magüta em conjunto com a Organização Geral dos Professores Ticuna Bilíngües, e foi realizado com apoio financeiro do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola/Corporação Andina de Fomento /Programa de Apoio a Povos Indígenas da Bacia Amazônica. O programa de educação iniciou-se em 198G, destinando-se basicamente

uma coletânea de narrativas míticas, e o segundo, um manual de introdução à escrita, o desenho foi extremamente importante no processo de sua preparação. Em ambos, os desenhos não foram concebidos como meros ornamentos ou adereços dos textos, mas como um recurso único e insubstituível de expressão e comunicação de idéias, de conhecimentos, só possíveis de serem representados e compreendidos através da imagem.

Na organização da exposição do Museu Magüta³, essas questões também ficaram claras quando os Ticuna utilizaram fartamente o desenho para mostrar aos visitantes aspectos de sua cultura: os seres mitológicos, as cerimônias rituais, as danças, a pintura corporal, os modos de preparação das matérias primas e confecção dos artefatos.

à formação de professores e preparação de materiais didáticos, devendo-se começar agora um Curso de Magistério em nível de 2º grau para 200 docentes índios provenientes de cinco municípios do Alto Solimões (AM).

² O livro *Torü Duit 'ügü — Nosso Povo* foi preparado em 1983 e publicado em 1985 pelo Museu Nacional/UFRJ-FNDE-MEC, com recursos do Projeto Interação, da Secretaria da Cultura do MEC/Fundação Pró-Memória. O livro *Kgüã Tanaütkicünaagü — Um manual da escrita* foi publicado em 1992 pelo Centro Magüta e MEC, com apoio da Secretaria Nacional de Educação Básica/MEC. Ambas as publicações são bilíngües e vêm sendo utilizadas nas escolas Ticuna como material de apoio aos professores e alunos.

³ O Museu Magüta faz parte do Centro Magüta e foi idealizado e organizado pelos próprios Ticuna, com minha assessoria. O museu está localizado na cidade de Benjamin Constant, AM, e sua exposição, inaugurada em 1991, mostra a produção material Ticuna, contextualizada com informações sobre a cultura e a história desse grupo indígena, desenhos e fotografias.

Nos cursos anteriores a 1994, trabalhamos muito com atividades de desenho e pintura, relacionadas especialmente à preparação de um livro sobre a fauna e a flora regionais. Levantamos um amplo acervo de desenhos que expressam as idéias dos Ticuna a respeito da natureza, com informações riquíssimas sobre os sistemas de classificação das plantas, sobre a importância de certas espécies no âmbito da cultura material, nas atividades rituais, na alimentação, na medicina tradicional, enfim, necessárias à sobrevivência física e cultural dessa sociedade. Mapas das aldeias e das áreas circunvizinhas, onde se localizam as roças, os buritizais, os açazais, os igarapés, os lagos, a várzea e a terra firme, também foram temas escolhidos para trabalhar. Além dos registros de memória, uma parte dos desenhos foi realizada através de observação direta, quando se obteve um outro elenco de estudos feitos dentro da mata, que trazem a diversidade das espécies botânicas, das cores, das linhas, as vibrações dos diferentes planos e ritmos que fazem a exuberância da floresta. Também realizamos registros gráficos a partir da observação da aparência externa e da conformação interna de frutos e flores dos mais variados tipos. Inspirados em narrativas míticas, feitas por velhos especialistas em contar histórias, meus alunos representaram os seres sobrenaturais que habitam a mata e possuem relações com determinados elementos da natureza.

Um dia, durante o curso que realizamos em julho de 1993, quando estudávamos a história dos museus, chegamos ao tema da arqueologia. Arqueologia, arqueólogos eram palavras estranhas aos alunos, e, à medida que se esclarecia o seu significado, crescia o interesse da classe por essa área do conhecimento, certamente porque os levava aos mistérios e às histórias de um tempo passado. Expliquei que não era especialista nesse assunto, mas que

num próximo curso poderia obter mais informações e ilustrações sobre ele.

Inspirada nessa vontade de saber mais sobre um tema que me parecia, a princípio, distante do interesse dos alunos, resolvi reformular o roteiro das aulas de Educação Artística, incluindo — por que não? — a história das artes plásticas.

Na etapa seguinte, em fevereiro de 1994, cheguei à "casa de estudos" munida de muitos *slides* e livros ilustrados sobre arte, desde o período paleolítico até o século XX, e, logicamente, sobre arqueologia.

Na gruta de Lascaux

Como tinha conseguido uma série de diapositivos muito interessantes sobre a gruta de Lascaux, mostrando os caminhos do interior da caverna e vários detalhes de suas belíssimas pinturas, achei que poderia começar por aí.

Nem bem a aula havia iniciado, meus alunos quiseram saber o que tinha acontecido no mundo antes desse tempo, antes do paleolítico. "Mas professora, desde o princípio o homem já fazia esse desenho?" "Quem ensinou para esse homem?" "Como era antes, bem antes, no antigo mesmo?" Era pertinente que quisessem saber quais os caminhos que os homens tinham percorrido antes de pintar dessa maneira tão fabulosa. Interrompemos nossa aula sobre a gruta de Lascaux para tratarmos, com auxílio de livros, sobre esse outro assunto. Começamos, então, pelo tempo em que a Terra ainda estava em formação, por volta de 4,5 bi-

lhões de anos atrás. Mesmo que estes bilhões de anos fossem dados bastante abstratos, fomos construindo na lousa um extenso gráfico com muitos desenhos e as datas aproximadas do processo de evolução da vida: o surgimento dos pequenos seres unicelulares, depois os peixes, os répteis, os incríveis dinossauros, os animais de sangue quente e finalmente o homem. Vimos depois o período da chegada dos homens às Américas, e datas mais familiares, como as do descobrimento da América e do descobrimento do Brasil, e alcançamos 1994. Utilizando um outro tipo de gráfico, observamos qual a proporção entre o tempo de evolução da vida até o período paleolítico, do período paleolítico até o descobrimento do Brasil, e deste período até os dias atuais. A redução dos intervalos entre esses diferentes períodos pôde dar uma idéia do grande primeiro tempo de formação dos seres vivos na Terra. Vimos nos mapas a longa caminhada do homem saindo da África em direção aos outros continentes até chegar ao Brasil.

Certamente que as novas informações sobre a origem da vida provocaram nos Ticuna também novas preocupações, pela presença marcante dos princípios religiosos evangelizadores difundidos pelos missionários, e pela importância ainda atribuída aos fundamentos da sua mitologia, especialmente quanto à origem do homem e do Universo. No curso anterior, nas aulas da professora Monique Deheinzelin, a questão da gênese do Universo já tinha sido trabalhada, de maneira talvez mais poética, quando os alunos compararam as concepções dos gregos, dos Ticuna e os ensinamentos contidos na Bíblia. Agora, estavam diante de um novo dado que, afinal de contas também constava nos livros e que, segundo eles, tinham o desejo e direito de conhecer. Após uma longa conversa na língua Ticuna e de perguntas habilidosas e estratégicas que em determinados momentos me dirigiam, pare-

ce que todos continuaram convictos das idéias construídas nas aulas da Monique, apresentando-me conclusões muito próximas. Havia certamente um Deus, o mais antigo e onipotente dos deuses, que com sua força criou o princípio do mundo, as primeiras formas de vida e os deuses dos diferentes povos, os quais, por sua vez, criaram os homens e a cultura desses homens. Criou também *Yo'i* e *Ipi*, que deram origem aos Ticuna. Pareceu-lhes evidente que todos os povos possuíssem uma religião, e que mesmo os homens das cavernas teriam um deus que lhes auxiliou na criação da cultura, dando a esses homens o poder de "pensar e imaginar", conforme a expressão utilizada pelo aluno Sildomar no curso passado¹.

A antigüidade dos peixes — que conforme vimos, habitam o mundo há cerca de 450 milhões de anos — foi um dado que impressionou um grupo de alunos que, comparando esta informação com o mito de origem do povo *Magüta* (do qual descendem os Ticuna), concluiu: "É verdade que os peixes são tão antigos e que só depois dos peixes se criaram as pessoas, porque nós também nascemos da água", referindo-se ao trecho da história que conta terem os Ticuna sido pescados por *Yo'i*, e de peixes se transformaram em gente.

Na aula seguinte, tratamos primeiramente dos dinossauros, os quais tinham despertado fortemente a curiosidade dos alunos, para depois retomar as pinturas rupestres. Após uma conversa detalhada sobre a vida dos dinossauros, o que comiam, como se reproduziam, suas dimensões fantásticas — seguidamente compa-

⁴ Ver neste volume "O dia da Criação entre os Ticuna", de Monique Deheinzelin.

radas com as dimensões da sala de aula —, seu tempo de existência e os motivos misteriosos de seu desaparecimento da Terra, os alunos, impressionados com a aparência estranha e quase sobrenatural desses animais, resolveram desenhá-los, partindo das ilustrações dos livros e revistas que tinham à mão.

Com um desenho extremamente detalhado, uma parte deles realizou representações mais ou menos fiéis às ilustrações que dispunham como modelo; outra deu novas formas aos monstros, cheias de colorido, às vezes acrescentando pequenos textos com base nas informações obtidas nos livros.

Finalmente, retomamos a aula sobre a gruta de Lascaux, fazendo uma introdução a respeito das primeiras experiências gráficas do homem e chegando à arte figurativa.

Há 40 mil anos atrás havia um homem que se chamava sapiens. Ele descobriu a pintura. Ele já sabia pensar como fazer um desenho. Orácio Ataíde

Talvez alguns de nossos avós participaram desta pintura. Saturnino Jesuíno

Aí o homem tomou a parte da cultura e transformou suas idéias. Delmiro João Félix

O paleolítico conheceu o homem que já tem consciência. Sílvio Sebastião Carvalho

Nessa época não existia pincel nem tinta guache. Mas eles (os homens) tinham as idéias e pensaram como fazer

tinta: tiraram da terra, e das plantas, e do sangue dos animais, o branco, o vermelho, o meio marrom e o meio preto. Albertino do Carmo Farias

Acho que Ngutapa⁶ era da turma do homo sapiens, ele já tinha a idéia, mas não sabia ainda tudo, não tinha terçado, nem mandioca; só depois veio Yo'i para ensinar o que temos agora. Carlindo Pedro Firmino

O homem sapiens era sabido, era capaz, ele imaginava e fazia suas pinturas e amolava a pedra e fazia flecha. Lauro Gabriel

Ele também fazia desenhos de animais como bisonte, veado, cavalo, boi. O desenho era uma puçanga do homo sapiens, assim ele podia caçar bem. Jesus Caetano

Quando pintava ele sonhava que os animais apareciam mais perto da casa.

Tudo isso foi colocado nos livros para contar uma história. Valdomiro da Silva

É muito importante para nós. Por esses desenhos que os arqueólogos estudaram para nós aprender como ago-

⁶ *Ngutapa* é um ser mitológico, de cujos joelhos nasceram os heróis civilizadores *Yo'i*, *I'pi* e suas irmãs, os quais trouxeram os objetos da cultura e ensinaram como os Ticuna deveriam plantar, fazer suas festas, pintar-se e casar-se entre si.

ra, e outros pessoal também. Se não fosse esse desenho ninguém conhecia como começou a sabedoria dos povos antigos. Assim que terminou a história da pintura das cavernas e das grutas. Iracy Fernandes de Araújo

As pinturas rupestres causaram forte impressão nos alunos, as cavernas também. Em alguns diapositivos se podia ver o interior das grutas, com seus salões e corredores, passagens escuras e misteriosas, que conduziram os alunos ao tempo mítico, lembrando várias de suas histórias tradicionais sobre os seres sobrenaturais que viviam nos buracos das montanhas. Ficaram surpresos com a qualidade das figuras de animais, cujas formas, cheias de vitalidade, não pareciam ter sido criadas pela mão de um homem cujo gesto tão recentemente se libertara. Quiseram conhecer os nomes dos animais, sua espécie, observaram todos os detalhes de seu corpo, as cores, admiraram-se com a durabilidade das tintas, com a monumentalidade das figuras. Seguimos com diapositivos sobre algumas pinturas de Altamira — onde aparecem também os caçadores — e de sítios arqueológicos do Piauí. Repetidas vezes a coleção de *slides* foi exibida para que nenhum detalhe se perdesse e para que os alunos pudessem desenhar em seus cadernos essas pinturas. Fomos para os livros, onde encontramos mais informações sobre a vida dos homens do paleolítico superior, suas armas, seus instrumentos de trabalho.

Através das pinturas criadas por esses homens antigos — que até agora nos assombram e têm sentido para nós —, os alunos foram introduzidos no universo da arte de outras civilizações e de outros tempos. Foram conhecendo como se iniciou a aventura do homem rumo à compreensão de suas relações com o mundo externo, com a natureza, a percepção desse mundo e o modo como

tornaram visíveis suas percepções e seus sentimentos através da arte.

Do Egito à arte moderna

Nessas primeiras aulas, a intenção era aproximar os alunos do mundo das imagens e levá-los a compreender a arte como um dos testemunhos mais importantes da humanidade, presente em todas as culturas e em todos os tempos. Essa arte que se diferencia das outras criações da natureza, que tem uma existência própria e é concebida através de atributos essencialmente humanos: sensibilidade, percepção, intuição, memória, imaginação, intencionalidade.

A aula seguinte foi sobre a arte do Egito antigo. Iniciamos pelo mapa da África, localizando o Egito e o rio Nilo, vendo a importância desse rio na vida econômica e cultural dos egípcios. Vimos também sua organização social, a religião, os principais monumentos arquitetônicos — as pirâmides —, o sistema de escrita e os materiais utilizados como suporte da escrita. Nas conversas sobre a fabricação do papiro, os alunos tiveram oportunidade de manusear um fragmento desse material e compararam-no com o *tururi* — entrecasca de árvore utilizada pelos Ticuna para confeccionar as vestimentas das máscaras rituais e usada também para painéis decorados com belíssimas pinturas. Observamos também uma pintura feita em *amatl*, por artistas mexicanos contemporâneos, cuja técnica foi desenvolvida originalmente pelos Asteca. Os alunos compararam as diferenças e semelhanças dos procedimentos técnicos de preparação desses três materiais, e perceberam que os Ticuna também tinham inventado uma ma-

neira de fabricar o papel. Vimos numa publicação sobre a origem do livro (Katzenstein, 1986), que a autora utilizou o *tururi* produzido pelos Ticuna para exemplificar uma das técnicas primitivas de fabricação de papel. Considerando a motivação dos alunos, fizemos um longo parêntese para tratarmos da história do papel e do livro, retomando ainda algumas informações sobre os diferentes tipos de escrita existentes no mundo. Um aluno perguntou se os egípcios ainda existiam e se escreviam usando hieróglifos. Como eu havia levado um jornal bastante recente que consegui na embaixada do Egito, todos puderam ver a escrita árabe, inclusive fotos de jogadores de futebol daquele país. Os alunos queriam saber o que estava escrito neste jornal, o que eu logicamente não pude responder, mas aproveitei para lembrar que as crianças nos seus primeiros contatos com a escrita têm à sua frente uma porção de símbolos gráficos totalmente estranhos e indecifráveis e experimentam a mesma sensação vivida por eles naquele momento. A compreensão de como decodificar esses símbolos é fundamental para o encaminhamento do processo de alfabetização.

Seguimos nossa aula sobre o Egito com uma série de diapositivos de pinturas e baixos-relevos mostrando cenas do cotidiano e outras de caráter religioso e cerimonial, os magníficos sarcófagos de ouro, as cadeiras e outros utensílios usados pelos faraós. Vimos algumas das funções dessa arte, a sua relação com a morte e a imortalidade, e analisamos as soluções formais das pinturas. Observamos, por exemplo, os recursos de esquematização das figuras humanas, em que algumas partes do corpo são representadas de frente, como os olhos e a parte superior do corpo, e outras vistas de perfil, como o rosto, as pernas e os quadris. Essas soluções despertaram a curiosidade dos alunos, pois descobriram algumas semelhanças com sua maneira de executar a figura humana.

Expliquei que os artistas egípcios desenhavam normalmente de memória e, em face das finalidades quase sempre religiosas da arte egípcia, era preciso que representassem as partes do corpo humano que, segundo seus padrões, eram as mais importantes, que melhor auxiliassem a fixar as imagens de modo que através delas as almas dos mortos pudessem sobreviver. Foram essas crenças e regras que definiram um estilo cujo rigor e equilíbrio deram permanência e eternidade à arte egípcia. Um dos *slides* que mostrei trazia o resplandecente sarcófago de Tutancâmon, feito com cerca de 200 kg de ouro. Em função dessa imagem, que muito impressionou a classe, entramos pelos caminhos das pirâmides, chegamos às múmias e a todo o mistério que envolve a história do Egito. Tertulino, um dos alunos, já tinha visitado o Museu Nacional, no Rio de Janeiro, e conhecido a múmia ali exposta. A pedido dos colegas, descreveu minuciosamente suas impressões. Retomamos o assunto da arqueologia, para mostrar que muitas dessas obras de arte do Egito antigo, bem como outros objetos e testemunhos desse tempo, foram posteriormente localizados e estudados pelos arqueólogos, sendo que hoje em dia uma parte desse patrimônio pode ser vista no Museu Egípcio do Cairo, ou em outros museus do mundo, inclusive no Museu Nacional. Em seguida, li para a classe uma história referente às pirâmides, que contava sobre as técnicas de sua construção e os longos anos gastos nessa tarefa, suas dimensões e os fins a que se destinavam. Encerramos a aula com duas atividades: alguns alunos optaram por escrever sobre o que tínhamos conversado; outros preferiram copiar as pinturas, os sarcófagos, as múmias, as pirâmides, os hieróglifos e tudo mais que tínhamos nos livros sobre o Egito antigo. Realizaram desenhos bastante originais e expressivos.

Expliquei aos meus alunos que a História da Arte era a história das imagens criadas pelos homens desde o tempo das cavernas

até os nossos dias. Estas imagens expressam o olhar, o sentimento, as idéias, as concepções de mundo de cada civilização, e por isso a cada tempo elas se modificam, pois as culturas e os homens também se transformam, assim como são diferentes entre si.

Continuamos nossa conversa sobre as imagens observando uma seqüência de *slides* que trazia pinturas e esculturas da Grécia e de períodos posteriores, como as obras do Renascimento e do Barroco, até chegarmos à arte moderna. Quanto à arte brasileira, passamos pelas obras de Aleijadinho, de Portinari, de Di Cavalcanti e de artistas primitivos e populares. Fomos comparando pintura por pintura, analisando, por exemplo, como cada período tinha resolvido a figura humana, as cores, as formas, os espaços. Vimos então o que significava o estilo de uma época, de uma cultura, e também o estilo individual dos artistas. Para melhor esclarecer os estilos próprios de cada cultura, mostrei diapositivos de máscaras de diferentes procedências: de povos africanos, dos Iroqueses, de povos da Indonésia, da Nova Guiné (que, como os Ticuna, utilizam o líber para confeccionar muitas de suas máscaras), e de festas populares da Alemanha e da Bolívia. Estabelecemos comparações com as máscaras Ticuna que, vale lembrar, constituem uma das mais importantes e expressivas manifestações da sua cultura material. Com relação às máscaras Ticuna, vimos também que não existem soluções plásticas exatamente iguais, pois, apesar dos padrões estéticos e técnicos culturalmente estabelecidos, cada pessoa interpreta à sua maneira o ser sobrenatural que escolheu para representar. Ainda quanto ao estilo pessoal, comparamos os desenhos que meus alunos tinham feito em dias anteriores, cujo tema era peixes, e constatamos uma centena de soluções formais, colorísticas e de distribuição espacial. Uma pessoa sempre pinta ou desenha de maneira diferente da

outra; vê de modo diferente o conteúdo do mundo, porque a maneira de olhar, de sentir, de pensar varia de um indivíduo para outro.

A arte, apesar de manter relações com a natureza, não imita a natureza. Constitui-se, muito mais, numa parte da realidade que se desprende de nós, torna visível o sentimento da natureza que está em nós.

A pessoa que cria, sempre cria novas coisas, com base, logicamente, nas experiências anteriores vividas pelo seu olhar e pelo seu espírito. Mostrei à classe o desenho realizado por um aluno da outra turma, Valdomiro da Silva, que já tinha assistido a uma parte de minhas aulas. Valdomiro inspirou-se num quadro do artista brasileiro Alexandre Filho, que pintou a imagem de São Sebastião com o coração transpassado por um ramo de árvore, ao invés de uma flecha. Vale mencionar aqui que São Sebastião é um santo muito popular na região do Alto Solimões. É comum se encontrar gravuras deste santo nas paredes das casas, nos bares e em pequenos estabelecimentos comerciais. Certamente, essa interpretação deve ter impressionado meu aluno que, espontaneamente, fez uma nova leitura do quadro, representando todos os elementos da composição — apesar de ter visto o diapositivo por um tempo bastante curto — e acrescentando um peixe que de maneira fantástica surge por detrás de uma árvore. Vimos então que ele reuniu elementos da pintura de Alexandre Filho e da aula sobre peixes, e criou um outro quadro, com um significado próprio, como se todas essas formas percebidas e sentidas encontrassem agora um novo lugar para existir.

A arte possibilita dar forma à imaginação, à fantasia, ao sonho. Torna possível transcender a realidade cotidiana e descobrir novos

caminhos que nascem de nós mesmos, de nossas potencialidades de ser humano, e que nos permitem transformar as coisas e agir no mundo. Neste sentido, não creio ser precipitado concluir, ela pode nos levar à compreensão da liberdade.

As pinturas de Miguel Ângelo, na Capela Sistina, provocaram longas conversas, já que as magníficas cenas inspiradas na Bíblia trouxeram à tona novamente a questão de Deus. Primeiramente, os alunos acharam que as pinturas eram fotografias, por se mostrarem tão realistas e "vivas". Aí me perguntaram se naquele tempo já existia fotografia. Respondi que não, porque a fotografia tinha surgido bem depois, na primeira metade do século XIX, ao passo que a Capela Sistina foi pintada no início do século XVI. Mas será que Deus tinha mesmo essa aparência, com barba, com manto e podia voar? Deus era velho? Então, se Deus era invisível, como Miguel Ângelo conseguiu fazer seu retrato? Perguntei-lhes como procediam quando desenhavam *Yo'i*, seu principal herói cultural, que há muito tempo já tinha se afastado de seu povo. Vieram muitas respostas: "A gente desenha como vem na idéia". "Os velhos contam que *Yo'i* se vestia assim". "Se foi *Yo'i* quem ensinou como devia ser nossa roupa, ele também devia se vestir do mesmo jeito". "*Yo'i* era como um Ticuna do antigo, assim imagino" "Eu uso meu pensamento, esse Miguel Ângelo também usou o pensamento dele". E quanto à velhice de Deus: "Deus era velho porque o mundo era velho naquele tempo". "Acho que ele ficou velho criando o mundo". "*Yo'i* também criou o mundo, mas não ficou velho..." "Esse Deus era outro, Tertulino, era o mais antigo, esse que viveu no começo do mundo". "Deus passou toda sua força para Adão, está vendo o dedo dele?" Vimos, novamente, que a arte não imita a natureza, não representa a natureza tal qual ela é, pois muitas coisas não podemos ver com nossos olhos, mas podemos criar dan-

do uma forma concreta à nossa imaginação. O mesmo acontece quando compomos uma música, ou escrevemos um poema. As palavras estão no dicionário com um significado, mas elas podem ganhar outros significados. Depende de como as usamos. Por exemplo, neste poema de Raul Bopp (1988, p.35), que se chama Cobra Norato (cujo trecho localizei ao acaso), o autor num determinado momento diz: "O sol belisca a pele azul do lago". O poeta certamente quis dizer com essa imagem que a luz do sol se reflete na superfície azul do lago; ela se reflete em determinados pontos, nas ondulações da água, aparecendo e desaparecendo, dando a impressão de pequenos beliscões de luz, que repuxam a "pele azul". Entre outras tantas possíveis, essas são as imagens que vêm à nossa mente, imagens que nos fazem "imaginar". Imagens construídas pelo poeta e posteriormente reconstruídas pelo leitor. Nas artes plásticas é a mesma coisa. Os olhos e o espírito do artista se unem às mãos para trabalhar e, portanto, o que ele faz não tem relação apenas com o que está vendo, mas com o que ele está percebendo com o sentimento. E é o sentimento que nos aproxima da arte, que nos leva a imaginar, pensar e refletir quando vemos um quadro, ouvimos uma música ou lemos um poema. Assim, Miguel Ângelo pode mostrar as suas pinturas para os homens de hoje, e esses homens podem compreender o sentido de suas criações, admirar-se e acercar-se delas. Pois é o sentimento que dá permanência à arte.

Ao final da projeção de diapositivos, os alunos observaram que algumas pinturas traziam imagens que eles podiam reconhecer, como figuras humanas, paisagens, animais, ao passo que outras continham formas estranhas, à primeira vista indecifráveis. Conversamos, então, a respeito das diferenças entre arte figurativa e abstrata e depois analisamos três pinturas: a Mona Lisa, um

auto-retrato de Van Gogh e um quadro abstrato de Manabu Mabe. Os alunos escreveram suas impressões:

Sobre a Mona Lisa:

Pra mim o artista antigo pintou a uma mulher com todo seu caráter. Jesus Caetano

Mostra uma figura de mulher em pé na noite de luar. Altino Da Silva

A arte figurativa mostra para mim uma figura de uma mulher que está com sua própria vida, com seu rosto tão bonito, que só falta falar como todos os professores que estão observando o desenho. Raimundo Carneiro

Esta figura foi um pintor que fez. Nós vemos que é uma figura de mulher, parece que é de verdade porque está mostrando tudo o que existe no nosso corpo, na nossa cabeça, e mais, é uma arte feita na idéia das pessoas e no pensamento. Euclides Rabelo

Na ponta da minha vista vejo esta figura, parece uma gente de verdade, porque tem o corpo completamente completo, como: corpo, cabelos, boca, olhos, e o lugar onde fica esta figura também parece de verdade. Ofir M. Aiambo

Essa aqui é uma figura realista, agente vê bem. Ela está viva, ela parece o original, está movimentando bem o olhar. Artemísia da Silva

Ela tem cabeça, olho, nariz e boca, mas está faltando dente, perna e o pé. Jonas Jorge da Silva

Esta figura fica a olhar para a gente. A pintura é bem lisinha, como corpo de gente, vivo, os braços, o rosto, o cabelo, o nariz, o olho, as roupas como se fosse uma pessoa de nós como agora. Marina Fabá

Na minha opinião está parecido com a figura de Jesus Cristo. Tem o nariz bem afilado. Ele usa uma pintura marrom e uma camisa de mangas compridas. Wilson Dário da Costa

Esta é uma figura de uma mulher, é bonita, tem cor bem clara e parece gente viva. Ela tem tudo no corpo como nós. Maria Flauzina da Silva

A mulher Mona Lisa é uma mulher famosa, eu já vi na televisão. Júlio Mariano Luis

Ela é uma mulher bonita e alegre. Ela é normal, com jeito de uma pessoa simpática. Olha ao meio de seus amigos. Suas cores são diferentes do outro desenho. Marculino Fernandes

A mulher parece que está viva, com rosto triste, com vestido cor de café, florido e manga comprida, A pele branca, os olhos meio sorridentes, cabelos longos e de cor preta, os olhos cor de castanha, e com as mãos cruzadas. A mulher parece que está pensando em alguém que deixou ela. Abel J. Ferreira

Eu sei que esta figura está aí, está olhando para nós. Mão tão bonita e peito tão branco. Carlindo Firmino

Ela é bonita, tem olhos vivos, é uma imagem parecida com Santa Rita do Vel, ela está querendo rir. Nazaré Tenazor

Ela parece com uma pessoa mesmo. Ela é figurativa, perfeitamente uma mulher. Beatriz Gomes

A pintura parece uma pessoa de verdade. Ela tem cara bem feita, a boca, o nariz, o olho, o cabelo, o corpo, igualzinha como a pessoa viva. Mas falta falar e movimentar o corpo todo. Wilmar Augusto de Souza

Esta arte antiga é muito bem feitinha A figura da mulher parece que ela está viva. O rosto da mulher está rindo. E muito diferente da arte moderna. Francisco Carvalho

A figura feita por este artista antigo está parecida mesmo. Que é uma mulher bem feitinha, tem olhos, tem cabelos, e também tem vestido. Gente imagina que é uma mulher, mas é uma imagem de mulher. Ondino Casemiro

A pintura dela é parecida com ela mesma: todo corpo dela, a cara dela, o olho, a boca, o peito e a blusa dela. Euclides dos Santos

Essa pintura não é viva, é uma arte. O homem que pensa como pintar cada pintura, Geraldino Gustavo

Esta figura serve para mostrar que nós aprendemos coisas novas. Valdomiro da Silva

o auto-retrato de Van Gogh:

Eu observo a figura de um homem. Eu vejo a roupa, paletó, gravata, cabeça, cabelo, olho, orelha, cara, nariz, barba, boca, etc. Essa figura será que não é feita de pedra?. Carlindo Firmino

A figura também foi pintada por um pintor, mas não ficou bem porque o pintor não queria mostrar bem. Mas nós vemos que é uma figura de um homem, está mais nas idéias de cada um. Cada um deve desenhar no seu pensamento. Euclides Rabelo

A pintura 2 já é diferente que a pintura 1, quase não é percebido o ambiente. Não dá idéia de outras coisas fora da pintura da face. A pintura está se modificando, mas ela continua a ser figurativa. Raimundo Leopardo Ferreira

Essa figura não é igual com a primeira, porque tem uma forma diferente da outra. A pintura é manchada. O olho dele mais parece com uma pessoa que está doente. Ele é um homem muito estranho. Wilson Dário da Costa

Essa própria imagem do artista ele não quis pintar- bem. Pintou cheio de riscos, não pintou bem lisinho, não parece uma pessoa viva igual a nós, não parece como um homem de hoje. Marina Fabá

É uma pintura que mostra a diferença na pintura. É uma pintura realista. Bernardo Marculino

Esta já é diferente, pintado de outra maneira porque já é outro tempo. Sebastião Jesuíno Rodrigues

Esta figura está mostrando que o pintor desenhou rapidamente. Raimundo Pinto Bitencourt

Esse homem é uma pintura, mas é diferente dos outros. Parece uma pintura feita de cimento puro, mas fino. Gildo do Carmo

Ele é velho e o rosto dele tem raiva da gente.

O artista fez sua própria figura para nós. Para nós ser também artista como ele. Tertulino Mendes

A pintura dele é diferente da outra, é uma pintura de chuva. Tem cabelo castanho, tem olho, boca, barba, corpo completo. E um homem mesmo. Xisto Sampaio

Para mim é uma imagem abstrata, porque falta seu braço, seu pé, sua cintura. José da Silva

No meu olhar esse homem parece que está morto. É diferente da pintura da mulher que parece no meu pensamento está viva. Nicodemo Jumbato dos Santos

Esse homem parece com homem da caverna. Enézio Parente

Agora, a imagem do velhinho me parece que não é de verdade. Certo que ele tem tudo, como cabelo e ouvido, boca, barba e bigode, mas não sai assim como quando ele está vivo. Porque atrás da imagem não aparece nada, nenhuma planta, nem árvores, nem lagos. Alcides L. Araújo

Sobre Manabu Mabe:

A pintura tem uma forma de um gato no meu olhar. Mas é diferente, parece que o pintor estava brincando, de olho fechado. A arte de hoje não é como do antigo, o desenhista tinha paciência de fazer e pintava devagar. Na minha idéia a 3ª figura é abstrata porque não tem quase a sua forma de ser algum desenho. Ela é uma figura de idéia. Ofir Aiambo

Nessa arte abstrata cada pessoa vê diferente a transformação da pintura, é a sua imaginação. Francisco Tananta

Não tem a forma de uma figura. Mas para o artista é uma figura pintada. Só olhando bem o desenho se consegue ver o desenho. Aí que está a diferença do pensamento de um artista de hoje em dia. Jesus Caetano

O abstrato ninguém vê, é como uma alma do homem. Jonas Jorge da Silva

Na minha idéia a 3ª pintura é muito diferente da 1ª e da 2ª porque já não se vê uma figura. Mais um pouco e eu enxergaria parece um animal, parece uma casa ou

um pássaro. A pintura foi mudando conforme foi chegando o tempo moderno. Fausto Rosindo

E diferente porque quase não dá para anotar nada. Mas fixando os nossos olhos dá para anotar a figura de um animal. Bernardo Marculino Aiambo

Essa arte não mostra nada de figura, o que a gente vê apenas somente pintura. Orácio Ataíde

Essa arte abstrata se encontra na criança. Saturnino Jesuíno

Neste quadro aparece um veado correndo. E também um caçador. E também um buraco da caverna, Lauriano Marcos

A pintura não apresenta nem uma imagem real, mas tem vários tipos de cores. Bernardo Agostinho

A arte abstrata ninguém pode pegar porque não tem corpo. Miguel Firmino

Eu acho essa pintura meio verde, não muito verde. Tem cores muito vermelhas. Em cima e embaixo é diferente, o vermelho se mistura com o amarelo, mas no meio dela tem um barco. Albertino do Carmo

Arte abstrata é muito diferente da outra, porque não tem figura, mas tem pintura bonita. A pintura parece um animal e uma nuvem, mas não é animal, nem nuvem. Francisco Carvalho

A arte abstrata é muito diferente das outras porque não tem figuras, só tem desenhos para pode inventar uma figura quem olha. Ozino Benedito Pedro

Numa outra aula, tratamos da arte asteca e maia, da cerâmica marajoara e de Santarém, vimos objetos do Museu do Ouro da Colômbia e esculturas em pedra-sabão feitas pelos Inuit, do Canadá. Sempre utilizamos mapas nas nossas aulas, pois eles são para os Ticuna um instrumento fundamental. A medida que íamos passando os diapositivos, conversávamos sobre a vida, a sabedoria, a arte desses povos. Retomamos a importância da escrita e do sistema de contagem Maia — o qual já tinham visto mais detalhadamente nas aulas de Matemática da professora Marineuza Gazzetta —, vimos os fantásticos monumentos arquitetônicos e as magníficas esculturas produzidas tanto pelos Maia quanto pelos Asteca, salientando a importância da cultura desses povos no contexto da História da Arte. Vimos também a função mágico-religiosa dos objetos de ouro feitos pelos antepassados dos povos Kogi, Cuna, Catío, Emberá e outros, que habitam a região da Serra Nevada de Santa Marta e do Chocó, na Colômbia. Quando chegou a vez da cerâmica de Marajó e de Santarém, Constantino Lopes e Jaime Custódio, Ticuna que trabalham no Museu Magüta, e que recentemente tinham visitado a exposição e a reserva técnica do Museu Goeldi, no Pará, falaram minuciosamente sobre suas impressões, apresentando dados sobre a utilização das peças cerâmicas, sua antigüidade, dimensões, fazendo os alunos observarem os diferentes estilos decorativos, destacando a preciosidade dos relevos e das pinturas. Vimos, mais uma vez, que esses objetos são estudados pelos arqueólogos, os quais podem descobrir, através de métodos especiais, a idade aproximada de cada objeto. Sobre o povo **Inuit**, tínhamos diapositivos também

dos autores das esculturas em pedra. Pudemos ver sua vestimenta, um pouco de suas técnicas e o ambiente de trabalho. Algumas das belíssimas esculturas dos Inuit representam os animais da região, outras, os seres sobrenaturais, cenas de caça e mulheres com seus filhos. Os alunos ficaram admirados com a expressão e o acabamento das peças, cuja aparência se assemelha à qualidade que buscam em suas esculturas em madeira.

A intenção dessa aula foi aproximar os alunos/professores Ticuna de um outro tipo de arte, diferente daquela produzida no Egito ou nos países europeus, que gozam, normalmente, de um maior conceito e destaque nos museus, nas publicações e mesmo na disciplina de História da Arte. Expliquei que as manifestações artísticas de qualquer tempo e de qualquer sociedade possuem valores próprios que devem ser considerados e respeitados. E, além disso, que grandes mestres da arte moderna inspiraram-se na arte africana, como Picasso, Modigliani, Constantin Brancusi. Para finalizar, mostrei à classe um fascículo da coleção *Arte nos Séculos* (nº 56, Abril Cultural), dedicado à arte dos índios brasileiros, e que traz também fotografias e informações sobre as máscaras Ticuna.

A arte na escola

Essas aulas foram uma experiência inédita para meus alunos e para mim. Todos aprendemos muito, o suficiente para compreender em que direção deveremos caminhar nos estudos da arte.

Pudemos ver que o mundo das imagens não se apresenta como um conjunto de coisas inertes, rígidas, opacas, que fazem parte

de um passado, mas um mundo dinâmico, transparente e atual, em que o olhar pode se estender. As obras de arte possibilitam o exercício do olhar que se distancia para conhecer melhor. Um olhar que viaja por outros mundos se alimenta de sua estranheza e de seus mistérios, de novas imagens e sensações, e depois retorna mais pleno e enriquecido, mais aberto e poderoso. Ernst Fischer, em seu artigo sobre a função da arte (1971, p.13), diz que "o homem anseia por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si;"..."Sente que só poderá atingir a plenitude se se apoderar das experiências alheias que potencialmente lhe concernem, que poderiam ser dele. E o que o homem sente como potencialmente seu inclui tudo aquilo que a humanidade, como um todo, é capaz. A arte é o meio indispensável para esta união do indivíduo com o todo; reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e idéias".

Nessas viagens do olhar, os Ticuna não se distanciaram de seu mundo, mas ampliaram-no, incorporando novas realidades e experiências. O aluno Rosalve escreveu que "no curso minha sabedoria multiplica-se mais e mais". Essas novas apropriações não devem ser vistas como meras importações de dados, mas imagens que pela sua riqueza e diversidade por certo servirão de parâmetros para que possam, comparando, relacionando, redimensionar o valor de sua própria cultura. Poderão compreender a importância de suas produções artísticas, compreendendo o significado que atribuímos a elas e o lugar que ocupam no contexto universal da arte.

Esses novos conhecimentos foram apresentados de maneira que os alunos deixassem de ver suas manifestações artísticas como

algo inferior ou atrasado, um "artesanato", assim como muitos vêem sua língua como uma "gíria". As artes, assim como as línguas, possuem uma gramática, e é preciso que eles percebam essa gramática, sabendo pensar e refletir sobre o que já conhecem pela vivência. Conscientes do valor de sua cultura, certamente poderão transitar mais seguros entre os universos de sua sociedade e os universos da sociedade nacional. O acesso ao conhecimento é um direito que lhes cabe; as coisas do mundo devem se tornar visíveis a todos os homens, devem servir para encurtar a distância entre eles.

Os índios Ticuna demonstram um interesse todo especial pelo desenho, pela música, por tudo que se refere à arte. Sua cultura material é extremamente rica e são admiradas e reconhecidas as pessoas que se dedicam ao exercício de determinadas categorias de arte, os especialistas, os artistas. Se a educação deve trabalhar com conhecimentos significativos, a arte não poderá distanciar-se da escola. A arte é justamente a disciplina que dá passagem ao mundo do imaginário, da fantasia, da poesia. Apesar de todos os esforços até então empreendidos para aproximar a arte da educação, ela vive na maioria das nossas escolas uma vida periférica, é considerada um luxo dispensável, uma simples "atividade", momento de lazer, e não uma disciplina "séria" ou "útil" como a Matemática, a Geografia, as Ciências, e outras. Sabemos que para os povos indígenas a arte ocupa um lugar de destaque. Suas produções são de domínio coletivo e todos podem contemplá-las. Encontram-se geralmente associadas às atividades sociais e religiosas, com significados e funções específicos, próprios de cada cultura. Pintam o corpo, confeccionam belíssimos adereços, decoram seus utensílios de trabalho, suas casas, seus objetos

de uso doméstico, dançam e cantam. Por ser tão fundamental à existência dessas sociedades, a arte não poderá ficar ausente dos currículos das escolas indígenas. Não se trata de tentar reproduzir dentro da escola o que faz parte de um contexto mais amplo e complexo da vida dessas populações, o que por certo reduziria o valor, o significado e a qualidade de suas expressões artísticas. A escola não é uma miniatura nem uma cópia da aldeia. O que deve ser levado em conta, e para isso não há uma receita, é o sentimento da arte, as questões estéticas e éticas que envolvem o seu fazer, o comportamento original, criativo e transformador que a arte permite e que são elementos fundamentais ao processo educativo como um todo. Permite serem trabalhados os valores humanos, difíceis de se realizarem nas escolas das sociedades já contaminadas pela supervalorização da tecnologia, do poder, da competição. Neste caso, é importante o modo de conduzir a formação dos professores índios, aos quais devem ser oferecidas experiências as mais variadas, conhecimentos os mais significativos, de modo que possam compreender o sentido mais profundo da arte, o lugar e o valor de suas produções artísticas nesse contexto mais amplo. Compreender também as relações da arte com o sentimento, o prazer, a criação, a percepção, a memória, e logicamente com as demais áreas do conhecimento. Com o olhar e o saber assim multiplicados terão condições de construir sua disciplina de Artes, e aprofundar as raízes de sua própria cultura.

Referências bibliográficas

BOPP, Raul. *Cobra Norato e outros poemas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1988.

FISCHER, Ernst. A função da arte. In: VELHO, Gilberto (Org.).
Sociologia da arte. São Paulo: Zahar, 1971. v.1.

KATZENSTEIN, Úrsula E. *A origem do livro: da Idade da Pedra
ao advento da impressão tipográfica no Ocidente*. [S.l.]: Hucitec:
Fundação Pró-Memória: Instituto Nacional do Livro, 1986.